

94

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNI-RIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

LIMITAÇÕES DO MÉTODO FÔNICO NO PROCESSO
DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Mônica Baptista de Araujo
Orientadora Antônia Pincano

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNI-RIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA

LIMITAÇÕES DO MÉTODO FÔNICO NO PROCESSO
DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Monografia apresentada em cumprimento às exigências de DID 039, para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

RIO DE JANEIRO
1994

DEDICO

" A minha mãe e minha avó, pela ajuda, pelo acompanhamento, carinho e dedicação, os quais tiveram valioso destaque na minha formação".

" Ao meu marido, pelo apoio, pelo incentivo, pelo companheirismo e pela paciência nos momentos difíceis dessa jornada.

AGRADEÇO

A todos os professores que compartilharam comigo os momentos importantes na Universidade.

E especialmente a professora Antónia Pincano pelo seu carinho, pela paciência, pela dedicação, pois, sem sua ajuda não seria possível a realização deste trabalho.

"A educação tem por fim evitar o erro e descobrir a verdade."

Sócrates

SUMARIO

INTRODUÇÃO	01
CAPITULO I	
Método Fônico	04
O Que é o Método Fônico	04
Como se Processa	04
CAPITULO II	
As Limitações do Método Fônico na Alfabetização de Crianças	06
CAPITULO III	
O Construtivismo na Alfabetização	09
O Que é o Construtivismo	09
Qual a Proposta Construtivista	10
CAPITULO IV	
As Contradições entre o Método Fônico em relação ao Construtivismo	12
CAPITULO V	
Alguns indicadores que possam contribuir para que a Alfabetização se desempenhe de forma Construtiva	14
CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
BIBLIOGRAFIA	21
ANEXO I - Exemplo - - - - -	

INTRODUÇÃO

A mais básica de todas as necessidades de aprendizagem nos primeiros anos escolares continua sendo a alfabetização. A alfabetização não deve consistir, apenas, em juntar-se letras para descobrir palavras. Ao se alfabetizar, o indivíduo está também se instrumentalizando para compreender e reconstruir sua realidade, para assumir seus direitos e seus deveres, para tornar-se capaz de trabalhar e construir uma sociedade mais justa.

Ao falar em alfabetização de crianças, não se pode deixar de falar nas cartilhas usadas durante o processo de aprendizagem pelos professores. Para alfabetizar é preciso que se tenha acesso à língua escrita e é isso que está ausente nas cartilhas ou manuais "para aprender a ler" (aspas minhas). Nesses manuais apresentam-se orações estereotipadas, impossíveis de encontrar em textos com função comunicativa, informativa ou puramente estética. O problema é que a escrita é antes de tudo representação da linguagem, e tudo o que a afaste da linguagem, convertendo-a em uma sequência gráfica sem significado, a deforma no sentido de até caricaturizá-la. Em última instância, não se está apresentando à criança o real objeto de sua aprendizagem, mas um substituto caricaturesco. Por mais bem intencionados que sejam os manuais ou cartilhas, eles introduzem um elemento de rigidez na aprendizagem, que dificulta a necessária adaptação às exigências individuais ou grupais.

A cartilha não deve ser usada como único instrumento no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois, desta forma o professor estará controlando as informações que dá ao aluno em processo de alfabetização, supondo ilusoriamente, que esta seja a única fonte de informações que tem o aluno, de que não há outra disponível. Na realidade, as informações sobre a língua escrita estão em toda parte, no mundo a nossa volta e isto deve ser utilizado pelo professor visando despertar no aluno a consciência de que há ligação entre o que se aprende na escola e o que se vivencia fora dela. Ao professor caberá o papel de mediador entre o conhecimento, que o aluno já possui, e o conhecimento científico que a escola transmite.

Na área da alfabetização, esta deve ser entendida como parte do processo cultural vivido pelos alunos. O material deverá retratar a cultura e a realidade social. As palavras usadas nas cartilhas em geral, são palavras vazias(que não tem sentido algum para as crianças), elas dão à alfabetização um caráter puramente mecânico. Geralmente, estas palavras são estritamente pessoais do autor da cartilha e não dos alunos.

O presente estudo mostrará o método usado em cartilhas, especialmente o método fônico, mostrando as suas limitações dentro do processo de aprendizagem. O modelo de estudo será o de pesquisa bibliográfica e pretende atingir aos seguintes objetivos:

- Descrever pelo menos três elementos desfavoráveis ao processo de alfabetização;

- 3
- Relatar algumas contradições do método fônico em relação ao construtivismo;
 - Revelar pelo menos uma contribuição que o método fônico demonstra contribuir para o processo de alfabetização de crianças.

O trabalho a ser apresentado divide-se em cinco capítulos:

- Capítulo I: Tratará especificamente do método fônico.
- Capítulo II: Mostrará algumas limitações do método fônico na alfabetização de crianças.
- Capítulo III: Dará uma visão geral do construtivismo na alfabetização.
- Capítulo IV: Mostrará algumas contradições entre o método fônico em relação ao construtivismo.
- Capítulo V: Trará alguns indicadores para que a alfabetização se desempenhe de forma construtiva.

E finalmente na conclusão, mostrarei a que conclusão cheguei diante dos objetivos propostos e procurarei mostrar que na verdade qualquer método poderá ser utilizado desde que o professor saiba como utilizá-lo e que este não seja o seu único instrumento de trabalho.

MÉTODO FÔNICO

O QUE É O MÉTODO FÔNICO

O Método Fônico é considerado de base sintética. Este método destaca a língua escrita como objeto de conhecimento externo ao aprendiz e, a partir daí, realiza uma análise puramente racional de seus elementos. A instrução procede do simples para o complexo, racionalmente estabelecidos: num processo cumulativo, a criança aprende as letras, depois as sílabas, as palavras, frases e, finalmente, o texto completo. Estabelece-se como regra geral que a instrução não deve avançar no processo sem que todas as dificuldades da fase precedente estejam dominadas.

COMO SE PROCESSA

O Método Fônico foi adotado com a finalidade de preencher as lacunas do método alfabético na tentativa de superar uma (entre outras) grandes dificuldades existentes naquele por causa da diferença entre o nome e som da letra.

No Método Fônico os sons das letras são ensinados isoladamente e depois reunidos em sílabas que são pronunciadas pelos alunos. Então estas são reunidas e aprendidas em conjuntos maiores formando as palavras. Estas depois aparecem formando pequenas frases.

E, a princípio, um método eminentemente lógico, racional, segundo Gilda Rizzo em " Os diversos métodos de ensino da leitura e da escrita ", onde, primeiramente, são ensinados os sons das vogais, fazendo-se de forma simultânea, o ensino da forma da letra e a maneira " correta " (entendendo-se correta como a forma pronunciada pela língua de prestígio) de pronunciá-la. O método insiste numa forte repetição de sons até que esta associação de letras e sons se estabeleça por completo e o aluno a pronuncie automaticamente.

Depois das vogais, as consoantes são introduzidas numa determinada ordem, pré-estabelecida (veja anexo I), e seus sons são combinados com cada vogal.

Depois do treinamento com os alunos atingir o pronto reconhecimento de combinações de vogais com três ou quatro diferentes consoantes, as sílabas são introduzidas e logo combinadas formando palavras. Mais tarde, combinações de palavras, com sons conhecidos, formam as frases.

CAPITULO II

AS LIMITAÇÕES DO MÉTODO FÔNICO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Neste capítulo serão apresentadas algumas limitações do Método Fônico, já pesquisadas, ~~pois~~ Gilda Rizzo, estudiosa do método fônico, esclarece que este tem o objetivo de reduzir ao máximo, ou evitar, na sua totalidade as falhas existentes em outros métodos e manter todas as vantagens obtidas no desenvolvimento de habilidades de compreensão dos métodos especializados, aliadas às vantagens de desenvolvimento de habilidades de enfrentar palavras novas.

Segundo Gilda Rizzo, a " Livre Escolha " e o " Trabalho Diversificado ", linhas-mestras na direção deste trabalho, fundamentam e expressam uma filosofia de vida e educação, e garantem o desenvolvimento pleno e natural de todas as crianças, qualquer que seja sua origem, nível ou situação de desenvolvimento e cultura.

Segundo esta afirmação, há contradições entre o que é destacado pela autora em referência e a realidade de nossas escolas pois, num trabalho diversificado o professor atua com culturas diferentes, alunos diferentes, ou seja, trabalha com desiguais. Portanto, é inadequado tornar o ser humano homogeneamente e garantir um desenvolvimento de todos igualmente, já que o dia-dia da sala de aula nos aponta que as culturas são totalmente diferentes. Esta seria uma limitação percebida através do estudo

sobre o método fônico.

Como segunda limitação, também muito contraditória é o fato da autora Gilda Rizzo nos dizer que a criança nasce com um dispositivo natural para a aquisição da linguagem e em torno dos 5 anos, sendo assim capaz de dominar a gramática básica da língua materna.

Pode-se detectar que esta afirmativa seria praticamente impossível pois, pesquisas sobre alfabetização enfatizam que, mesmo na fase adulta, não dominamos totalmente a gramática da língua portuguesa. Como uma criança estaria aos 5 anos com o domínio pleno da gramática.

Uma terceira limitação seria o fato do método fônico abusar das ilustrações para chamar a atenção da criança. Nosso estudo revela que na verdade este seria apenas um subterfúgio pois, o tipo de ilustração usada para levar ao som, na maioria das vezes, não corresponde verdadeiramente a realidade. Como exemplo podemos citar: usar a mangueira de molhar plantas para a letra J, com o som Ji. O que ocorre com as crianças é que estas usam o J em outras palavras como girafa pois, esta letra tem o mesmo som, e isto cria uma grande confusão na compreensão do exercício.

Poderíamos citar também como limitação: que o método não é praticável em países, cuja a linguagem não é fonética. Um exemplo de sucesso do método fônico seria a língua falada na Índia, inteiramente, fonética. Neste país surtem efeitos geralmen-

8
te positivos, pois, nos primeiros estágios do método fônico, quando, praticamente, todas as palavras tem que ser decifradas som por som, a atenção da criança, fica, inteiramente, ocupada nesse processo onde pouca ou nenhuma leitura pode ocorrer.

Poderíamos citar outras limitações porém, não somente o método fônico possui limitações mas, qualquer outro método, cujo objetivo seja trabalhar com alunos iguais e portanto irreais.

Vale dizer que os métodos de marcha sintética alfabetizam, desde que ocorram as condições adequadas. Estas condições abarcam aspectos econômicos, sociais, psicológicos, linguísticos (entre outros).

CAPITULO III

O CONSTRUTIVISMO NA ALFABETIZAÇÃO

O QUE É O CONSTRUTIVISMO

" Filho do movimento iluminista, fiel defensor da capacidade humana de guiar-se pela razão e através dela criar e recriar o mundo ". Rosa, Sanny S. da (1994) pág (32). Esta proposta educacional embasa não só a alfabetização como todas as aprendizagens lógicas, na escola e fora dela, isto porque o construtivismo é considerado por Esther Pillar Grossi, uma teoria filosófica que, dentre suas tantas vertentes, procura explicar um aspecto essencial do " ser gente ", isto é, uma de suas condições definitórias, a de que acendemos ao humano porque apreendemos.

O construtivismo nos diz que aprender é uma tarefa que ninguém pode realizar por nós. Cada um necessita desenvolvê-la com sua vontade e seu desejo. Mas, ao mesmo tempo, é uma construção coletiva, pois considera a parte das experiências anteriores dos estudantes e precisa de continuidade para que todo o seu potencial desabroche e se multiplique. A proposta construtivista nos ensina que é pela percepção de que o ser humano está em constante transformação, podemos aguçar o desejo das pessoas à medida que conseguimos desafiá-las a pensar sobre sua finitude e por contradição sobre sua incompletude? Assim esta proposta examina diretamente a realidade pelo processo de transformação com construção de conhecimento novo a ser resolvido. Para o professor,

isso quer dizer que não devemos ir para as sala de aula com tudo pronto e mastigado. Nossa tarefa é incluir os " desafios para indagação " no trabalho cotidiano da escola, apresentando aos alunos todas as informações e conhecimentos instrucionais, culturais que os cercam e despertando-lhes a curiosidade de querer saber mais, aprender e apreender coisas novas.

Como educadora, sou sensível as preocupações de ordem prática dos que vivem diariamente a expectativa de encontrar meios viáveis para melhorar a qualidade do seu trabalho. Mas é como educadora também que percebo, cada vez mais claramente, a necessidade de ter muito presente, a princípio, os meios e os fins a atingir. Como nos diz Rubem Alves:

" A inteligência, segue o caminho inverso da ação. Começando de onde se deseja chegar, evita-se o comportamento errático e desordenado a que se dá o nome de ' tentativa e erro '." (Alves,R,1981:33)

QUAL A PROPOSTA CONSTRUTIVISTA

A proposta segundo alguns autores, vem estabelecer uma nova relação entre quem ensina e quem aprende. A escola, concebida como lugar onde a criança é estimulada a " construir " seu próprio conhecimento, deverá organizar seus espaços de tal forma que contribua, facilite e promova a constituição do grupo, desde a escala micro, na sala de aula, até a escala macro, na escola

como um todo.

Tomando por base Esther Pillar Grossi, temos os princípios básicos na proposta construtivista da seguinte forma:

Princípios básicos:

- 1- A inteligência é um processo. Fica-se inteligente porque se apreende.
- 2- A aprendizagem é contínua em todos os momentos do dia-a-dia e a escola incorpora o que vem das experiências fora dela.
- 3- A aprendizagem é essencialmente perpassada pelo outro, pelo grupo, pelo social.
- 4- Aprende-se resolvendo problemas.
- 5- Aprende-se a partir do mergulho amplo nos elementos que interessam a um problema.

CAPITULO IV

AS CONTRADIÇÕES ENTRE O MÉTODO FÔNICO EM RELAÇÃO AO CONSTRUTIVISMO

Tomando por base as contradições, necessário se faz salientar, de forma expressiva, aquelas consideradas mais importantes. Primeiramente, é possível afirmar que o construtivismo não é um método e sim uma nova proposta pedagógica cuja preocupação central caracteriza-se pela construção do conhecimento e o método fônico como o nome já diz é um método que se preocupa com a repetição condicionada de sons.

O Método Fônico caracteriza-se por iniciar o processo de alfabetização através da letra para palavra, expressão, frase e texto. Delimita e restringe a capacidade do aluno, pois, o construtivismo faz do aluno sujeito de sua própria aprendizagem, procurando desafiá-lo a entender o mundo que o rodeia.

No Método Fônico o sujeito, no caso o aluno, espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, porém no construtivismo o sujeito não espera, ele aprende a apreender interagindo com o meio através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo.

Além destas, existem muitas contradições que podem ser analisadas a luz da filosofia, epistemologia, psicologia, porém, não é nossa pretensão esgotar todas, e sim apenas concluir que:

O construtivismo tem a sua fonte central o indivíduo porém, não individualmente mas, em grupo, e toma a escola como lugar onde a criança é estimulada a construir.

O Método Fônico tem a sua fonte central o indivíduo, porém, individualmente, aquele que é considerado banco de informações e memorizações, e a escola é o lugar onde a criança segue o que já está pré-determinado por uma cartilha ou manual.

ALGUNS INDICADORES QUE POSSAM CONTRIBUIR PARA QUE A ALFABETIZAÇÃO
SE DESEMPEÑE DE UMA FORMA CONSTRUTIVA

A criança não entende o que está fazendo

Por muitas vezes a criança não entende porque aprende desta ou daquela forma.

Emília Ferreiro em Com todas as letras destaca:

" Nas declarações iniciais dos métodos, manuais ou programas, a criança aprende em função de sua atividade através de desafios, o que estimula o raciocínio e a criatividade; as práticas de introdução a língua escrita desmentem sistematicamente tais declarações. "

Assim, o ensino neste domínio continua apegado às práticas mais envelhecidas da escola tradicional, aquelas que supõem que só se aprende algo através da repetição, da memorização, da cópia reiterada de modelos, da mecanização.

O que se precisa entender é que as crianças são facilmente alfabetizáveis, desde que descubram que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido.

A criança deve descobrir o processo de alfabetização através de desafios feitos pela professora

Segundo Emilia Ferreiro, deve-se estimular as crianças para que tenham interação com a língua escrita, nos mais variados contextos, isto significa: que escutem o professor, sabendo onde, como, o que e porque estão fazendo uma atividade. Assim por exemplo, para descobrir que a língua se organiza de maneiras diferentes, esta descoberta pode corresponder a uma leitura, ou pode corresponder a uma fala sem leitura. Também é fundamental destacar que explorem textos buscando semelhanças e diferenças; que usem o contexto para anteciper significados; que vejam desde o início todas as letras.

Começar do jeito que a criança fala

Ao professor caberá o papel de mediador e sistematizador do conhecimento, que o aluno já possui, e o conhecimento científico que a escola transmite.

Na área de alfabetização, esta deve ser entendida como parte do processo cultural vivido pelos alunos. O material lingüístico a ser utilizado deve retratar a cultura e a realidade social - é o universo vocabular ao qual se refere Paulo Freire. Segundo Freire (in Brandão, 1984), as palavras usadas nas cartilhas em geral, são " palavras universais ", do autor e não dos alunos.

16
É importante, portanto, que a escola não estigmatize nem rejeite a linguagem usada por seus alunos. É preciso, ao contrário, que se aceite as diferenças dentro e fora da escola.

Emília Ferreiro, em palestra realizada em março de 1991, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apontou a necessidade de desenvolver-se na criança a consciência de que possui uma linguagem e, mais ainda, a sua sensibilidade diante das diferenças existentes na maneira como as pessoas falam. A criança deve ser estimulada a perceber a diversidade e o funcionamento da língua e a discutir e refletir sobre sua própria língua.

CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho, tentou-se descrever limitações encontradas no método fônico, o qual foi escolhido como tema, por ser o que mais tínhamos contato.

Para um estudo mais aprofundado, um trabalho mais completo, seria necessário uma disponibilidade de tempo maior, porém através do pouco tempo que podemos usufruir, chegamos a conclusão de que todos os métodos possuem suas vantagens e suas desvantagens, cabendo a nós educadores sabermos como e o momento de usá-los.

Antes de obrigarmos a criança a observar, analisar ou escrever sílabas, palavras ou frases, é indispensável que a escola lhe proporcione oportunidades de utilizar a escrita em contextos significativos, que estabeleça uma estreita familiarização com todos os suportes materiais tais como: livros, jornais, cartazes, etc.; que permita à criança observar, explorar, questionar, experimentar os vários usos da escrita no mundo em que vive.

Se ler é compreender com os olhos, aquela criança que decorou a cartilha conseguiu apenas acumular um capital de palavras que identifica visualmente; se ela encontra dificuldades em compreender o texto pode ser porque, em geral, os textos apresentados pelas cartilhas não têm sentido algum. São apenas amontoados de frases soltas, desligadas, preocupadas com a fixação das famílias silábicas, isto é, com a decifração e oralização da escrita.

A aprendizagem é risco. Isso implica afirmar que um dos motivos que pode levar a criança a não querer aprender a ler é o

risco que toda aprendizagem supõe: O medo de enfrentar uma situação desconhecida, o receio de não ser capaz, a percepção de que na situação em que está colocada ela não está autorizada a errar, o que pode desenvolver na criança um bloqueio que dificulte a aprendizagem.

Através de todo o nosso estudo, chega-se a conclusão de que nenhuma metodologia para o ensino da leitura leva em consideração todos os aspectos destacados principalmente no capítulo v.

A mudança do sistema escolar, da prática pedagógica não vem apenas de melhores teorias, de materiais mais adequados, ou de informações mais acessíveis aos professores. Melhorar a pedagogia da leitura é, a longo prazo, uma questão política, vinculada a um desejo de mudança da sociedade e do Sistema Educacional. Mesmo que o professor não possa mudar o mundo, poderá realizar melhor seu trabalho se compreender o que é a leitura e como as crianças aprendem a ler. Poderá, mesmo desenvolvendo uma série de atividades, ir introduzindo algumas outras que também favoreçam a aproximação da criança com a leitura.

O que realmente importa é que a criança progrida na leitura e que encontre prazer e sentido, nos múltiplos contatos com a língua escrita. Professores e crianças, nesse sentido, podem ser verdadeiros parceiros para compreender o que é o ato de ler.

É naturalmente necessário que o professor conheça os materiais e técnicas pedagógicas, assim como os programas de ensino. Mas para decifrar como e quando utilizar cada um, é fundamental que o professor, além destes conteúdos, conheça o próprio

aluno. Enfim, para ajudar uma criança a aprender a ler é necessário estar sensibilizado pelas complexidades da infância e da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, Jose Juvêncio. Alfabetização e leitura. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
2. FERREIRO, E. & TEBEROSKY. A Psico gênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
3. _____. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1993.
4. _____. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 1991,
5. GROSSI, E. P. Didática da Alfabetização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
6. _____. Faixa de Aprender. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
7. ROSA, Sanny S. da. Construtivismo e mudança. São Paulo: Cortez, 1994.
8. RIZZO, Gilda. Os diversos métodos de ensino da leitura e da escrita. 5.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
9. SOARES, G. M. R. Fundamentos e metodologia da alfabetização: Método natural. 6.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Fora das normas da ABNT

21

BIBLIOGRAFIA

1. BRUNNER, Jerone. Uma nova teoria da aprendizagem. Bloch, ~~editores~~. 1973.
2. CARROL, J. B. Psicologia e linguagem. Zahar Editores. 1969.
3. FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez \ autores associados. 1987.
4. MARINHO, Heloisa. A linguagem na idade pré-escolar. INEP. boletim 27. 1994.
5. _____. Método funcional da aprendizagem da leitura. (apostila - EIE).
6. SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. in: cadernos de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 1985.
7. TEIXEIRA, Anísio. Educação não é Privilégio. 3. ed. Nacional. 1971.

ANEXO I

Depois de introduzidas as vogais, as consoantes são introduzidas seguindo esta ordem:

m, n, v, d, p, r, s, t, b, l, c, g, j, f, x, z.

Nesta ordem, dividindo-as em quatro lições elas são introduzidas e combinadas com as vogais, primeiramente aquelas que fazem sentido para a criança e depois as demais.

Exemplo: pó, pá, pé, mé, mi, má, vó, vô, vá, vi, nu, nó, dó.

E assim sucessivamente ate serem formados monossílabos com as demais consoantes com algum significado, e daí chegar-se a formação de palavras.